

Demo

Big Data

Para

toTós

Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala

 ALGORITMO 

DO AMOR

Jaime Maria Bayamonde
da Costa Ayala

Registo n.º 345/2020 SIIGAC/2020/970 DATA: 2020.02.14

JUPITER EDITIONS

Print Your **Heart**® with **Jupiter Editions**®

**Este demo está protegido e reserva
todos os Direitos de Autor.**

**A obra deste demo foi iniciada no
dia 25 de outubro de 2019 e foi
registada no dia 14 de fevereiro de
2020.**

A 1ªOrdem de Impressão da 1ªEdição *O Algoritmo do Amor* de Jaime Maria Bayamonde
da Costa Ayala tem 760 páginas

**Se neste momento, por algum
motivo, não puder comprar o livro
do autor, a Jupiter Editions sugere
que faça um donativo ao autor para
o IBAN**

PT50 0010 0000 58544220001

ou MB WAY 965108603

**O seu donativo é muito importante
para proteger a qualidade de
escrita do autor e não deixar o
espírito do autor morrer.**

**Não deixe o espírito deste autor
morrer.**

**Está nas suas mãos não deixar o
espírito deste autor morrer.**

**Faça um donativo ao autor para o
IBAN**

PT50 0010 0000 58544220001

ou MB WAY 965108603

A Jupiter Editions apostou em 9 livros de novos 9 autores.

O principal objetivo do donativo é a proteção da qualidade de escrita.

Por defeito, se os donatários nada disserem sobre o destino a dar, o donativo será 99% para os autores, cabendo 11% a cada um dos 9 autores e o 1% remanescente será destinado à filantropia da Jupiter Editions como a Plantação de Árvores, o Combate à Fome ou o Combate ao Lixo. O donativo pode ser feito por conta de qualquer um dos fundos que a Jupiter Editions pretende abrir e desenvolver. O donativo pode ser destinado 100% a um autor ou a uma missão.

O donativo pode ser anónimo, mas a Jupiter Editions sugere ao donatário que se identifique, sobretudo, se financiar a voz de um dos autores, para que o autor possa agradecer em nota pessoal. Basta enviar um email para manager@jupitereditions.com com o assunto DONATING e com o comprovativo da transferência bancária.

Se o donativo for destinado a um autor e se com o comprovativo da transferência for ainda anexada alguma fotografia ou mensagem do donatário, a Jupiter Editions obriga-se a reencaminhar o email ao autor.

Por favor, veja a nossa Política de Privacidade, para saber como é que os seus dados são tratados pela Jupiter Editions.

A Jupiter Editions não cede, nem vende os seus dados a nenhum parceiro.

A Jupiter Editions só pode ceder os dados dos Member Readers que tenham aceiteado que uma determinada empresa ou parceria comunicasse com os Member Readers. Se uma nova parceria for aprovada pelo Centro Ético de Negócios e Parcerias Sustentáveis Para o Futuro, a Jupiter Editions pergunta na Conta Jupiter aos Member Readers interessados em facultar os seus dados à nova parceria, explicando aos Member Readers a importância dessa mesma parceria. Quando as empresas parceiras/ parcerias contactarem os Member Readers, logo no 1º contacto devem anunciar a parceria com a Jupiter Editions, para que o cliente consiga ver com nitidez as parcerias e a sua importância para a sustentabilidade das empresas num mercado altamente competitivo.

Siga o autor...

@jaimedacostaayala

(. . .)

«A tecnologia sabe que os nossos cérebros são quânticos, são elétricos e são tecnológicos. A tecnologia sabe muito bem que há sim uma energia quântica dentro de nós e o que a tecnologia quer é capturar-nos essa energia e armazená-la no Big Data, como se fôssemos uma fonte de eletricidade que pode ser armazenada, distribuída e comercializada!» disse.

«Se tivéssemos feito videochamada, a tecnologia do nosso cérebro já tinha expirado a tecnologia da videochamada, porque lhe faltava o espírito (...)» disse Albert.

«E a tecnologia da videochamada leva esse nosso espírito.» disse.

«E sem espírito, ficamos sem memória, ficamos sem nada, morremos simplesmente ali para aquele “momento tecnológico” (...) Ficamos só com o corpo, sem memórias, sem alma nenhuma.» disse Albert.

«E a tecnologia da videochamada não fica armazenada nos nossos cérebros, fica é armazenada na nuvem do Big Data.» disse.

«O Big Data é que é o cérebro global de dados. Ou pelo menos, quer ser.» disse Albert.

«Mas o meu cérebro está fora do Big Data!» disse Catharina.

«E o meu também!» disse Joa.

«E o meu também!» disse Helena.

«E os nossos também, graças à tecnologia dos nossos olhos de *2080* de Antoine Canary-Wharf» disse por mim e pelo Fred.

«O meu também está! Graças à *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari, o meu também está.» disse Maths.

(...)

«Não acompanham as nuvens! Não acompanham o dia!» disse Fred.

«O dia simplesmente passa-lhes. Para elas, é, sempre, simplesmente mais um dia.» disse Helena.

«E para elas, estarem ali ou estarem na praia parece que infelizmente é a mesma coisa. Depois é claro que se queixam e dizem que a vida é uma seca e afundam-se em depressões. Vão para a praia e estão no telefone! Eu vi isto (...) Numa ilha paradisíaca com água a 24 graus e uma atmosfera que parece um ar condicionado, um ar condicionado natural! No sítio natural onde deviam estar a aproveitar para carregar energias e a alimentar o espírito, como na praia, por exemplo, estão é a carregar os telefones e a alimentar o Big Data...» disse.

«Está na hora de vos confessar... Há bocado disse que o meu cérebro estava fora do cérebro global do Big Data... Mas só fui atrás de vocês... Afinal, o que é o Big Data?» perguntou Joa.

«Jaime... Explica o que é o *Big Data Para Totós*, numa espécie de *Economia Para Totós* ou *Direito Para Totós*...» disse Maths.

«Eu não sou nenhum totó!!!» defendeu-se Joa.

«Pois não, Joa! Mas queres que te explique como se fosses um grande totó?» perguntei-lhe.

«Sim, quero.»

«O céu está cheio de nuvens. Há nuvens que se sobrepõem umas às outras. Vamos imaginar que cada pessoa tem por cima dela uma nuvem. Nessa nuvem, está armazenada a informação que nós guardamos “na nuvem”. Desde fotografias, pensamentos, ideias, trabalhos da escola, e-mails, contactos, interações... E nós podemos definir o que guardamos na nuvem. Podemos escolher que dados guardamos na nuvem. Podemos, por exemplo, definir que geramos determinados dados na nuvem e que esses dados ficam automaticamente guardados nessa nuvem. Mas não fomos nós que fizemos o floco de nuvem. Nós “comprámos” gratuitamente a nuvem. Não fomos nós que a desenhamos, nem pintámos, nem imprimimos, nem recortámos, nem a enchemos de algoritmos; não fomos nós. Nós só a usamos. Usamo-la como um depósito. Para depositar a nossa informação. A informação que queremos. E a informação que sem querermos, vamos depositando. A nuvem é um depósito. Um depósito tecnológico. E, portanto, a nuvem já vinha com determinada tecnologia, com um determinado funcionamento... Por exemplo, a nuvem tem um sistema de segurança muito complexo. Tem também um formato muito complexo. Tem também uma tecnologia muito complexa. Tem algoritmos muito complexos. Tem uma sofisticação muito complexa. E tem um regulamento também ele muito complexo com uma linguagem aparentemente muito complexa, mas que se lermos bem, diz lá “honestamente” que os dados que partilharmos nessa nuvem poderão ser partilhados para outras nuvens mais comerciais. As nuvens são muito políticas. Tornaram-se políticas. Tornaram-se politicamente corretas. São politicamente corretas. São inteligentes. São sociais. Mas são nuvens. É importante não nos esquecermos que são nuvens. (...) E toda nesta complexidade, quando instalamos a nuvem na nossa cabeça, não lemos os tais regulamentos nem as políticas de privacidade. As nuvens estão regulamentadas. O Direito precipitou-se antes da tempestade de dados e foi *A Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto regulá-las. Mas não as regulou muito bem... Isto sou eu a ser o mais franco, com o Direito... O Direito não sabe regular as nuvens. Nem o Direito nem a Meteorologia. Já sabemos como é a Meteorologia... Às vezes, mais vale sintonizarmo-nos nós com as nuvens e com o vento e vermos se vai chover ou não e onde é que vão chover dados e onde é que não vão chover dados... Mas eu percebo que possa ser muito complexo olhar para as nuvens... E toda nesta complexidade, quando instalamos a nuvem na nossa cabeça, não lemos os regulamentos, nem as políticas de privacidade.

Basicamente o que dizem todas as nuvens, e podemos instalar várias nuvens por cima da nossa cabeça, é que há uma “maravilhosa” experiência de interação de nuvem. Ou seja, as nuvens ou estão todas ligadas entre elas – lá está, elas são inteligentes e sociais – ou podem ligar-se, conectarem-se, entre elas, partilhando dados com uma nuvem muito, muito, muito, grande...» disse.

«A nuvem do Big Data...?» perguntou Joa.

«Exatamente... A nuvem do Big Data...» continuei, «A nuvem do Big Data está cheia de gavetas, (...) É muito organizada. E cada gaveta tem mil outras gavetas. O Big Data tem gavetas com o nome de todas as pessoas. (...) O Big Data (...) é um tipo de economia. É uma economia de dados. E a nuvem do Big Data, como economia que é, está sempre a crescer, podendo serem criadas infinitas gavetas. O Big Data gosta muito de bebês. Há sempre novos bebês a nascer que vão logo direitinhos parar ao Big Data, porque os pais dão-lhes logo grandes tablets e grandes telefones ligados à Internet com potentes câmaras e microfones. É um presente muito amoroso cheio de carinho, num novo amor muito tecnológico e muito complexo, que os novos pais dão agora aos filhos, logo quando lhes é cortado o cordão umbilical. São nascimentos através da Internet... Na Internet, vemos de tudo. E por isso, o Big Data vê tudo o que estiver na Internet. Não te esqueças que, a nuvem do Big Data existe na Internet. Existe no meio digital. Existe no meio virtual. E o meio virtual pode ser infinito. Digitalmente, consegues estar sempre a criar gavetas, (...) a criar pastas, a movê-las, a abri-las, (...)... E a nuvem do Big Data está sempre a crescer, podendo serem criadas infinitas gavetas, infinitas pastas. Consegues analisar e editar os seus conteúdos. O meio das nuvens que vemos na vida real é a atmosfera. O meio das nuvens que vemos na vida virtual é a Internet. Assim, sempre que estamos ligados e a interagir na Internet, estamos a gerar uma grande quantidade de dados. Esses dados, podem ser ou não automaticamente enviados ou guardados na grande nuvem do Big Data. Depende daquilo que seleccionarmos nas opções das milhares políticas de privacidade que somos a cada segundo bombardeados. É um bombardeamento de nuvens. As nuvens competem pela nossa atenção. As nuvens competem para que partilhemos a nossa informação nelas. As nuvens querem armazenar a nossa informação e o Big Data quer analisar, tratar e organizar a informação que está armazenada nas nuvens. O Big Data gosta muito de informação. Aliás, a Inteligência Artificial que está por detrás do Big

Data evolui com a informação que o Big Data lhe vai trazendo. O Big Data são os dados, os nutrientes, a informação, o alimento da Inteligência Artificial do Big Data. Quanto mais dados o Big Data tiver meus, mais alimentada e informada sobre mim vai ficar a Inteligência Artificial do Big Data, querendo mediar, alimentar, recomendar, sugerir, analisar, pontuar e medir *O Algoritmo do Amor*, querendo meter-se constantemente no meu namoro com o teu irmão, querendo ficar sempre a ouvir os “amo-tes” que dizemos e como os dizemos. Por outras palavras, o Big Data quererá levar-me a mim e ao Fred para as nuvens virtuais. Só que eu e o teu irmão, por vermos as nuvens reais, por estarmos sempre a olhar para as nuvens reais, é que sabemos que não queremos ir parar às nuvens virtuais. Vamos imaginar, já que estamos a falar em nuvens virtuais, que por defeito tu estás sempre no Big Data. Que tudo o que tu dizes, tudo o que tu fazes, com quem tu fazes, onde tu estás, incluindo a tua geolocalização se tiveres sempre o GPS ligado, está a ser enviado instantaneamente para uma nuvem de dados: para o Big Data. Para estares fora da nuvem tens de sair do meio, tens de sair da Internet. Porque por defeito, o meio que alimenta o Big Data é a Internet. O Big Data habita na Internet. É uma grande nuvem que se move na Internet. (...) Agora imagina que tens determinadas mãos económicas e olhos empresariais que conseguem aceder às nuvens e abrir as pastas e verem e venderem o que quiserem. É por isso que se diz que “o novo petróleo serão os dados”. (...) Quando dizemos “dados”, parece que estamos a falar de coisas pouco importantes. Mas “dados” são coisas fundamentais, é a tua identidade, a tua forma de ser, de estar e de pensar que inclui imagem, voz, expressão e reação. Fazeres uma videochamada com o teu namorado inclui um pacote de dados e um pacote de olhos económicos que analisarão a tua chamada e criarão um *profile*. Podes ter mentido ao teu namorado, ele não saber que lhe mentiste, mas os algoritmos vão detetar a mentira e vão pontuar o vosso namoro consoante a informação gerada e consoante o programa para que foi programado o algoritmo. Há milhares de algoritmos. Cada um tem a sua função. Uma videochamada poderá ser analisada por milhares de algoritmos. Uma videochamada poderá ser vendida a milhares de empresas de dados. Tu até podes ficar muito emocionado por teres um grupo de amigos numa videochamada a cantarem-te os parabéns e a dizerem que gostam muito de ti, mas os algoritmos não têm emoções, simplesmente sabem é analisá-las, e não se vão deixar emocionar e vão denunciar quem é que está a cantar deprimido, quem é que está a cantar

invejosamente e quem é que está a cantar apaixonadamente. (...) Eu e o Fred estamos sempre a brincar a dizer que os “nossos hackers” ouvem as nossas chamadas. Mas é claro que dizemos isso a brincar. Dizemos isso sem pensar nisso. Nenhum de nós acha que temos hackers a escutarem as nossas chamadas. Mas isso não é impossível. Isso não seria impossível. Uma máfia, um pequeno grupo, um grande grupo, um lobo alfa ou uma inteira alcaeteia poderiam intercetar as nossas chamadas. A tecnologia é muito vulnerável. As chamadas são vulneráveis, não são encriptadas. Por exemplo, as conversas no WhatsApp são em princípio encriptadas, pelo que, neste momento, será a aplicação mais segura em relação à privacidade, aos dados e à intimidade. Mas eu não ponho as mãos no fogo pelo WhatsApp! Porque não fui eu que o programei. Não ponho as mãos no fogo pelo WhatsApp, nem por nenhuma outra aplicação que não tenha sido eu a programar ou que tenha estado ali com os programadores a ver o programa a nascer, a ver os algoritmos a serem inseridos. Não sei se um informático, um hacker ou cracker conseguiria ou não descriptar as minhas mensagens ligando-se através de uma rede Wi-Fi em que eu estivesse ligado ou através do Bluetooth, por exemplo. Há programas para tudo. Há programas para programar, programas para editar e manipular, programas para apagar, programas para roubar, programas para clonar, programas para intercetar “sem interferir”, programas para intercetar “com ruído” e programas para infetar com vírus. Mas como as mensagens, os áudios de voz e as chamadas de voz do WhatsApp são encriptadas num tipo de sistema de encriptação que me parece um pouco mais fidedigno do que outros sistemas imperfeitos de encriptação, “confio” no WhatsApp. Mas mesmo “confiando”, não faço videochamadas. Eu e o Fred não fazemos nem áudios de voz nem videochamadas, as videochamadas estão definitivamente excluídas do ingrediente do nosso namoro.»

«O quê? Mesmo que uma pandemia vos separasse por 3 meses??» perguntou Joa.

«Claro!» respondi.

«E se fossem 4 meses?»

«Não faríamos nunca videochamadas Joa, como é natural na nossa *Paranóide Tecnológica*, de Federico Ferrari.» respondi.

«E se não tivessem instalada a *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari, n' *O Algoritmo do Amor*?» insistiu Joa.

«Antes do Federico Ferrari nos ter instalado a *Paranóide Tecnológica* dele, o noss' *O Algoritmo do Amor* já era “contra” os algoritmos que analisam as videochamadas.» respondeu Fred.

«Ah!... Então, toda essa aversão d' *O Algoritmo do Amor* às videochamadas é por causa dos “outros” algoritmos...» constatou Joa.

«Não. Simplesmente não gostamos de fazer videochamadas. Uma chamada “normal” dá muito bem para namorarmos (...).» respondi.

(...)

«Qualquer dia, também já nem saem para tomarem café. Tomam ali no Skype e pronto... Olhe... Mandam vir o café de drone e tomam todos o cafezinho “uns com os outros” à frente da câmara para o Big Data ver...» disse Albert, «Não é assim, Jaime?»

«Parece que vai ser assim, tio... Mas não com o meu grupo de amigos. O Big Data que vá procurar outros grupos de amigos e que vá tomar café com outros grupos de amigos.» respondi.

«E se todos os teus amigos quisessem fazer uma videochamada, Jaime?» perguntou-me Joa, «Se combinassem ficar cada um em casa e conversarem pelo Skype ao invés de irem para o café ou de irem dar uma volta?»

«Eu mandava-lhes dar uma volta, Joa.»

(...)

«E se por causa da pandemia, fosses obrigado pela tua Faculdade de Direito a ter aulas por videochamada?» perguntou-me Helena.

«Então era porque a Faculdade de Direito não andava de mãos dadas com o Direito! Era o que mais faltava eu ser excluído da avaliação por não participar em videochamadas, só porque a Faculdade de Direito andava a

dormir em relação à ciência, à economia e ao mercado dos dados! Era o que mais faltava, eu não poder exercer o meu Direito Fundamental de Não Querer Estar Ligado À Internet e o meu Direito Fundamental À Proteção Dos Meus Dados Pessoais junto da Faculdade de Direito. Uma coisa era eu ter de enviar trabalhos ou casos práticos de Direito para avaliação através do e-mail. Isso era uma coisa, e se eu queria estar em avaliação, eu teria de enviar os trabalhos e os casos por e-mail. Outra coisa bem diferente, é eu ter de sacrificar a minha imagem, a minha voz, a minha intimidade e privacidade do meu quarto, da minha casa, da minha vida privada para não ser excluído da avaliação. Uma aula em videochamada é uma aula que fica gravada. É uma aula filmada. Uma aula que fica na nuvem cheia de dados. Com milhões de dados. Qual seria depois a diferença disso e o instalarem-se câmaras e microfones nas salas de aula? Era o que mais faltava! Eu não me importava nada de participar numa aula que fosse filmada, desde que me pagassem pelos meus Direitos de Autor. Se há câmaras tem de haver contrato! Eu teria de assinar um contrato e ver lá escrito que iria receber pelo filme, pelo menos, 1 milhão de euros.»

«E se chumbasses caso te opusesses a participar nas videochamadas?» perguntou-me Maths.

«Preferia chumbar do que me entregar ao Big Data! E se chumbasse por causa disso, eu levaria a Faculdade de Direito ao Tribunal Administrativo de Círculo de Lisboa...»

«Porque não levavas a Faculdade de Direito ao *Tribunal dos Algoritmos?*» perguntou-me Joa.

«Só se estivéssemos em 2080 de Antoine Canary-Wharf é que poderia levar a Faculdade de Direito ao *Tribunal dos Algoritmos...*»

«Mas com uma pandemia, talvez cheguemos mais rápido a 2080 de Antoine Canary-Wharf e o *Tribunal dos Algoritmos* chegue mais cedo.»

«Eu não quero ser intriguista... Mas com uma pandemia isso seria um caso para a *Suprema Corte Tecnológica...* Um caso digno para ser levado ao *Tribunal Tecnológico* de 2080 de Antoine Canary-Wharf.» disse Maths.

«Jaime! Nem eras capaz de fazer videochamada pelo WhatsApp para não chumbares? Disseste que as mensagens e as videochamadas são encriptadas... Qual é que seria agora a desculpa que irias dar aos teus professores?»

«Eu disse que não punha as minhas mãos no fogo pelo WhatsApp... Lembraste, Joa? Se eu autorizar uma cópia de segurança das conversas no Google Drive, as conversas vão deixar de ser encriptadas, o que quer dizer que vão ficar armazenadas numa nuvem que é altamente vulnerável e alcançável. O Google Drive integra o Big Data. Quem está no Google Drive, está por defeito no Big Data. Aquilo que está no Google Drive, está por defeito no Big Data. Para finalizar a tua primeira lição de *Big Data Para Totós*, se eu disser “Big Data” com os dados móveis ligados, depressa aparecerão anúncios ou sugestões de pesquisa ou imagens relacionadas com o Big Data. Como? Os algoritmos “ouviram”, reconheceram, levaram essa informação para a nuvem e em troca os algoritmos poderão trazer-me informações ou notícias que tenham que ver com aquilo “que acham” que poderá ser “do meu interesse”. Do mesmo modo, que há notícias que competem para aparecerem à minha frente, também há anúncios que competem pela minha atenção e vão ganhar aqueles que corresponderem aos meus algoritmos. O Big Data sabe quais eram os meus modelos no Instagram, porque tem uma base de dados minha que gerou antes do Fred ter aparecido, e por isso, vai insistir em trazer esses modelos. Mas, o Big Data está em permanente atualização. E se o Big Data começa a ver que eu agora me interessar é mais por auroras boreais e já não ligo aos modelos que ligava, o Big Data pode ir insistindo em trazer-me os modelos, mas haverá uma altura em que parará de me trazer os modelos, porque vê que eu não estou definitivamente a interagir com os modelos e acabará por me trazer só auroras boreais até perceber que eu também não ligo às auroras boreais em fotografia nem em realidade virtual aumentada e que só pesquisei por elas para saber qual era o melhor dia para ir vê-las na Noruega, na Islândia e na Suécia.» disse.

«Acho que agora já me podes explicar como se eu fosse um adulto o que é o *Big Data*, Jaime... Acho que já estou preparado...» disse Joa.

«Agora que já és um adulto, entenderás que o Big Data é uma tecnologia de análise de grande quantidade de dados, ou seja, a análise e

organização de um grande volume de informação, para tornar a informação gerada “útil” e organizada, dar-lhe uma “certa utilidade”. (...) as informações obtidas das redes sociais e as informações de impressões digitais, retina, reconhecimento facial e genética são tudo “tipos” de dados que são animadamente tratados pelo Big Data, pela Inteligência Artificial do Big Data e pelos algoritmos do Big Data (...)»

(...)

Para ver os outros demos desta obra, na página dos Member Writers no site da Jupiter Editions www.jupitereditions.com vá à subpágina do autor e clique nos botões dos vários demos.

Este demo foi publicado pela Jupiter Editions em www.jupitereditions.com no dia 16 de setembro de 2021 pelas mãos e vontade do autor para a apresentação, divulgação e tradução do seu verdadeiro espírito contra qualquer deturpação.

Não passe a mensagem deturpada!

Passe a Missão Jupiter Editions!

Uma ~~M~~issão de Paz! Uma Escrita pela Paz!



**JUPITER
EDITIONS**

**Não deixe o espírito deste
autor morrer.**

**Está nas suas mãos não
deixar o espírito deste
autor morrer.**

**Faça um donativo ao autor
para o IBAN
PT50 0010 0000 58544220001**

ou MB WAY 965108603

**O seu donativo é muito importante
para proteger a qualidade de
escrita do autor e não deixar o
espírito do autor morrer.**

**Não deixe o espírito deste autor
morrer.**

**Está nas suas mãos não deixar o
espírito deste autor morrer.**

**Faça um donativo ao autor para o
IBAN**

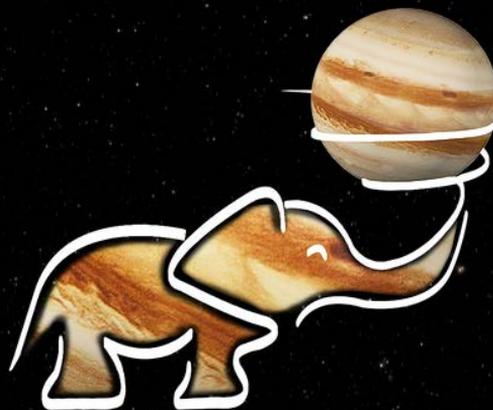
PT50 0010 0000 58544220001

ou MB WAY 965108603

Missão Cumprida!

Passa a Missão [online!](#)

JUPITEREDITIONS.COM



JUPITER EDITIONS [.COM](http://JUPITEREDITIONS.COM)